

CORPO-ESTRUTURA E EXPERIÊNCIA COLETIVA: UMA FORMALIZAÇÃO DO SOCIAL POR VIR?

Flávia Tridapalli Buechler* 

Claudia Perrone** 

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo ensejar uma sustentação teórica para a categoria corpo-estrutura a partir do ensino de Lacan. Em vista disso, propõe uma torção moebiana do ensino do psicanalista, a fim de apresentar considerações sobre a topologia do nó borromeano, a clínica com o Real, a língua, o corpo falante e política do sinthoma. Através da noção de Um-comum que figura a categoria corpo-estrutura, defende-se que é possível o por vir de uma formalização borromeana do social. Aposta que se revela na materialidade da experiência coletiva, conjuntura que pode pôr em condições a experiência emancipatória para o social. Nota-se que este trabalho consiste na primeira publicação que resulta de uma dissertação de mestrado que foi defendida e avaliada desde o seu caráter experimental.

Palavras-chave: Psicanálise; nó borromeano; corpo-estrutura, coletivo; política.

BODY-STRUCTURE AND COLLECTIVE EXPERIENCE: A FORMALIZATION OF THE SOCIETY TO COME?

ABSTRACT

This work aims to provide theoretical support for the body-structure category based on Lacan's teaching. In sight of this, it proposes a moebian twist on the psychoanalyst's teaching, in order to present considerations on

* Psicóloga e psicanalista. Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestre em Psicanálise: Clínica e Cultura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

** Psicóloga e psicanalista membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre APOA. Doutora em Letras, professora do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia e do PPG Psicanálise: Clínica e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

the topology of the Borromean knot, the clinic with the Real, lalangue, the speaking body and the politics of the sinthome. Through the notion of One-common that figures in the body-structure category, it is argued that the coming of a Borromean formalization of the social is possible. A bet that reveals itself in the materiality of the collective experience, a situation that can put in conditions the emancipatory experience for society. It is worth noting that this work is the first publication resulting from a master's thesis that was defended and evaluated from its experimental nature.

Keywords: Psychoanalysis; Borromean knot; body-structure, collective; policy.

CUERPO-ESTRUTURA Y EXPERIENCIA COLECTIVA: ¿UNA FORMALIZACIÓN DE LO SOCIAL POR VENIR?

RESUMEN

Este trabajo pretende dar lugar a un sustento teórico para la categoría cuerpo-estructura a partir de la enseñanza de Lacan. Frente a eso, propone un giro moebiano en la enseñanza del psicoanalista, para presentar consideraciones sobre la topología del nudo Borromeo, la clínica con lo Real, lalangue, el cuerpo hablante y la política del sinthome. A través de la noción de Uno-común que figura en la categoría cuerpo-estructura, se argumenta que el futuro de una formalización borromeana de lo social es posible. Una apuesta que se revela en la materialidad de la experiencia colectiva, situación que puede condicionar la experiencia emancipadora para lo social. Cabe señalar que este trabajo es la primera publicación resultado de una tesis de maestría que fue defendida y evaluada desde su carácter experimental.

Palabras clave: Psicoanálisis; nudo Borromeo; cuerpo-estructura, colectivo; política.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo sustentar uma categoria que nomeamos como corpo-estrutura a partir do ensino de Lacan. Nossa escolha metodológica implica uma torção moebiana da teoria lacaniana, de modo que nos permita fazer articulações entre as proposições da teoria do significante, a topologia borromeana, precisamente o que dela é trabalhado por Lacan no *Seminário, livro 20: Mais, ainda* (1972-1973), e a teoria de lalíngua. A categoria de corpo-estrutura trata-se de uma proposta conceitual

inicial que julgamos necessária para futuramente pensar se é possível uma formalização borromeana do social por meio da Psicanálise.

Implicadas em refletir sobre como nós, psicanalistas, podemos criar formas de transmissão da Psicanálise sem cair em um “formalismo enganador” (Lacan, 1953/1998a) que desencoraja qualquer iniciativa, sobretudo aquelas que se propõem a pensar uma psicanálise no contexto brasileiro, compreendemos que tanto a categoria corpo-estrutura quanto a hipótese de uma formalização borromeana do social servem para a abertura de caminhos que presentifiquem “a psicanálise no mundo de diferentes maneiras, nos mais diferentes campos profissionais” (Betts, 2014, p. 14). Desse modo também esperamos contribuir com os estudos que já se ocupam acerca do lugar do psicanalista na pólis, a fim de não retornarmos a um passado no qual a Psicanálise esteve limitada às elites ou aos muros institucionais sob o pretexto de que os psicanalistas não deviam se envolver ou interferir em assuntos de ordem política (Vianna, 1994).

A experiência coletiva a qual nos referimos no título deste trabalho está referida ao projeto de extensão vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – e intitulado como: *Escuta-flânerie em um coletivo de mulheres na periferia*. Nesse sentido, o artigo apresenta uma teorização respaldada na escuta e no acompanhamento de ações sociais e políticas que esse Coletivo de mulheres realizou entre os anos de 2022-2024 em um dos territórios da periferia de Porto Alegre/RS. Trata-se de um local marcado pelo abandono Estatal e pelas guerras entre facções criminosas, conjuntura que em nossa sociedade se atribui um caráter residual tanto para o território periférico quanto para os corpos que ali sobrevivem. Esse Coletivo de mulheres em 2020 ocupou uma escola arbitrariamente desativada pelo governo no ano de 2018 e, a fim de fazer desse lugar um local de cultura, solidariedade e formação política, tem se dedicado à luta por enlaces que são capazes de subverter o virulento individualismo pelo qual padece o laço social de nossa época.

Em meio às ruínas do significante comum, temos observado a potência que corpos femininos, negros e periféricos viabilizam para construir experiências emancipatórias por meio de um corpo coletivo. É, portanto, atravessadas pelo testemunho do dia a dia dessas vidas que, através de uma releitura de partes do ensino de Lacan, nos implicamos na

empreitada ético-política que a Psicanálise, precisamente a que acontece no Brasil, não pode renunciar.

TOPOLOGIA BORROMEANA E A CATEGORIA CORPO-ESTRUTURA

Lacan recorreu às formalizações matemáticas durante todo o seu ensino. Ele começou com os grafos e passou pelas superfícies até chegar na topologia borromeana (Amster, 2015). Foi a partir de um nó específico, a saber, o nó borromeano, que Lacan elaborou a sua teoria sobre a estrutura do ser falante, teoria que “aborda a condição do ser falante como um nó borromeano de três círculos representativos do Real, do Simbólico e do Imaginário” (Capanema & Vorcaro, 2017, p. 388).

Para formalizar por meio da linguagem matemática a estrutura do ser falante, na lição *Rodinhas de Barbante* do livro *20 mais ainda* (1973/1985a), Lacan se vale da articulação entre topologia e escrita. No texto ele propõe:

[...] basta que uma [rodinha] não se sustente para que todas as outras não somente não constituam nada de válido por seu agenciamento, mas se dispersem. É nisto que o nó borromeano é a melhor metáfora do seguinte: que nós só procedemos do Um. (Lacan, 1973/1985a, p. 137).

Compreendemos que através da topologia borromeana no ensino de Lacan um novo aforismo se apresenta a partir da afirmação de que “há Um” (Lacan, 1973/1985a, p. 137). Nesse sentido, é possível pensarmos que há uma estrutura mínima que é comum a todo ser falante, sendo o Um borromeano uma categoria corpo-estrutura representativa do ser falante.

Este Um não equivale ao Um imaginário capaz de suturar a falta-a-ser e produzir completude ou igualdade. Lacan propõe que procedemos do Um, que é a estrutura mínima capaz de sustentar para cada humano a condição do ser falante, à qual o sujeito encontra-se subsumido. Não se trata de uma estrutura enquanto Um para todos de modo igual para cada um, mas enquanto Um-comum para todos de modo diferente para cada um, corpo-estrutura que se arma no espaço lógico de uma “articulação existente entre a estrutura diferencial do significante e a economia pulsional” (Cardoso, 2010, p. 127).

Ante a impossibilidade de complementaridade do sujeito marcado pela falta-a-ser, um sujeito jamais é igual ao outro. Nesse sentido, a afirmação de que “há Um” implica em distinguir esse Um-comum da noção de totalidade, pois se trata de “Um-não-todo” impossível de totalização. Em vista disso e, a partir da categoria corpo-estrutura, será que podemos pensar por meio do aforismo lacaniano de que “há Um”, na “existência” de vários Uns enlaçados entre si? Pode a categoria corpo-estrutura figurar em uma teoria acerca do corpo social a partir da Psicanálise?

Ainda na mesma lição, Lacan (1973/1985a) sustenta o aforismo de que “há Um” introduzindo a noção de corpo, escolha que nos despertou curiosidade. Refere o autor:

Há apenas corpos falantes, eu disse, que fazem para si uma ideia do mundo como tal. O mundo, o mundo do ser cheio de saber, é apenas um sonho, um sonho do corpo enquanto falante, pois não existe sujeito conhecedor. Há sujeitos que se dão correlatos no objeto *a*, correlatos de fala que goza enquanto gozo de fala. Que outra coisa ela amarra senão outros Uns? (Lacan, 1973/1985a, p. 135).

Curiosa escolha de Lacan pela expressão corpos falantes. Por qual motivo o psicanalista aproxima a afirmação de que “há Um” da noção de corpo?

Uma leitura possível ocorre a partir da distinção lacaniana entre corpos falantes e sujeito conhecedor. Inicialmente, isso nos permite observar que o ser falante, o corpo falante e o sujeito não são termos equivalentes. Nas palavras do psicanalista:

[...] falo com o meu corpo, e isto, sem saber. Digo, portanto, sempre mais do que sei. [...] É aí que chego ao sentido da palavra sujeito no discurso analítico. O que fala sem saber me faz eu, sujeito do verbo. Isto não basta para me fazer ser. (Lacan, 1973/1985a, p. 127).

Destas citações e, considerando a teoria do significante no ensino de Lacan, o eu, enquanto sujeito do verbo, se faz enquanto ficção, produto da linguagem-significante. A noção de sujeito se mostra distinta da noção de ser falante e de corpo falante, pois estes parecem ser anteriores ao aparecimento do sujeito e não desaparecem com o seu advento. Contudo, não fica esclarecido se há ou não distinção entre o ser falante e o corpo falante, questão complexa, pois nos parece paradoxal tratar de noções que

se escrevem de modos diferentes ao mesmo tempo em que se apresentam a partir de uma estrutura borromeana comum.

Ante o exposto, arriscamos seguir a partir de duas considerações: 1) de que a estrutura borromeana do ser falante se apresenta como Um-comum ao qual está submetido o sujeito de desejo – assim o nó é a mostração matemática de uma categoria que nomeamos como corpo-estrutura e que não pode ser confundida com o corpo-imagem produto do estádio do espelho; e 2) se no mundo existem vários Uns enlaçados entre si, então pode ser possível a escrita de uma formalização borromeana para o social, pensando-a como um corpo-estrutura capaz de sustentar coletividades.

Embora Lacan, no livro 22 *RSI* (1974-1975), relate que as três propriedades que suportam o enlace borromeano da estrutura do ser falante são a ex-sistência, a consistência e a insistência, e que estas correspondem respectivamente ao Real, ao Imaginário e ao Simbólico, gostaríamos de arriscar uma torção moebiana do campo teórico para seguir com nossas reflexões sobre a categoria corpo-estrutura. Pensamos que, para explorar a ideia de um corpo-estrutura que seja capaz de figurar em uma formalização borromeana do social, é necessário articular diferentes tempos do ensino de Lacan. Assim, servimo-nos de proposições lacanianas tanto da teoria do significante realizadas nas décadas de 1950 e 1960, quanto da teoria borromeana e de língua realizadas a partir da década de 1970.

OUTRA LEITURA PARA AS PROPRIEDADES DA EX-SISTÊNCIA E DA INSISTÊNCIA

Há leitura possível acerca do Simbólico enquanto ex-sistência? Pensamos que sim. No texto *O seminário sobre “A carta roubada”* (1955/1998b), Lacan refere que a insistência da cadeia significativa é correlata ao lugar excêntrico onde está situado o sujeito do inconsciente, lugar nomeado pelo psicanalista como ex-sistência porque situa a “existência” de modo incomum. Prates (2018) sinaliza que a versão lacaniana do nó ex-siste porque o nó não *é*, reconhecendo que ontologicamente o *é* corresponde ao *ser*. Em outras palavras, o nó não é um ser porque ele ex-siste somente através do simbólico: esta é sua

excentricidade, não há uma ontologia do nó. Assim, o nó ex-siste porque se apresenta, se mostra porque se faz escrever desde a exterioridade do “simbólico que suporta a ex-sistência” (Lacan, 1973/1985a, p. 127).

A matematização não deixa de ser letra e, portanto, também se realiza através da linguagem. Ela é a escrita que só subsiste e se apresenta com o uso que fazemos da língua, pois sem esta nenhuma formalização é passível de transmissão (Lacan, 1973a/1985). Aqui cabe relembrar sobre a especificidade da linguagem-significante, esta que não tem como prioridade informar, e sim evocar (Lacan, 1953/1998a). Em outras palavras, é através do Simbólico, da materialidade do objeto simbólico que algo se corporifica.

Incorremos também na correspondência entre a propriedade da insistência do nó e o Real enquanto língua, isto é, marca do que “não pára de não se escrever” (Lacan, 1973/1985b, p. 101) na estrutura do ser falante. Na lição *O Rato no Labirinto* (1973/1985c), Lacan refere que a escritura do ser falante forja língua como uma outra figura do saber, um outro modo de linguagem que é diferente da linguagem representada enquanto cadeia significante. Vejamos:

Este ser dá oportunidade de perceber até onde vão os efeitos da língua, pelo seguinte, que ele apresenta toda sorte de afetos que restam enigmáticos. Esses afetos são o que resulta da presença de língua no que, de saber, ela articula coisas que vão muito mais longe do que aquilo que o ser falante suporta de saber enunciado. A linguagem, sem dúvida, é feita de língua. É uma elucubração de saber sobre língua. Mas o inconsciente é um saber, um saber fazer com língua. E o que se sabe fazer com língua ultrapassa de muito o de que podemos dar conta a título de linguagem. (Lacan, 1973/1985c, p. 190).

Por fim, a consistência do nó corresponde ao registro do imaginário porque ele pode ser abordado, mostrado e manipulado corporalmente, tal como um corpo que existe no espaço tridimensional (Prates, 2018). Mesmo que os limites deste espaço demandem o achatamento/aplanamento do nó, a formalização matemática permite a estruturação e a manipulação dele e de sua imagem.

Em vista desta leitura das propriedades do nó, parece-nos que a pergunta anteriormente escrita – Por que corpos falantes? – encontra

algum desenvolvimento, pois se a ex-sistência e a consistência se referem respectivamente ao Simbólico, campo do “falante”, e ao Imaginário, campo do corpo, será que a insistência de lalíngua que se refere ao Real que “produz um buraco que traumatiza” (Lacan, 1974/2019, p. 144) o ser falante, não se trata exatamente da propriedade que exige do psicanalista o recurso à matematização para a escrita de um corpo-estrutura?

Se para Lacan (1973/1985a) lalíngua “não somente [...] se pode escrever, mas ela é mesmo o que se escreve por excelência, pois ela é o que, de uma ruptura do ser, deixa traço” (p. 128) – marcas das bordas e buracos que traumatizam o corpo no encontro com o Real (Lacan, 2003b), transmitir o que é passível de escritura dos efeitos de encontro com o impossível exige o uso da matematização, linguagem que, segundo o autor, é capaz de atingir o que “não pára de não se escrever”, este que “é o mistério do corpo falante” (Lacan, 1973/1985a, p. 140). Assim, a escrita matemática e a práxis psicanalítica se apresentam como instrumentos capazes de contornar o Real, pois se colocam em condição de abordá-lo pelo Simbólico (Lacan, 1964/2008).

CLÍNICA COM O SIMBÓLICO E CLÍNICA COM O REAL

O caminho metodológico que Lacan faz até chegar ao nó borromeano o conduz ao que comumente escutamos como um movimento da clínica do Simbólico, que tem como conceito-base o significante, para a clínica com o Real, que tem como conceito-base o gozo. Não há prevalência entre os ensinamentos, mas a distinção se faz importante especialmente porque a clínica com o Real, formalizada pela topologia borromeana e a teoria de lalíngua, possibilita uma ampliação da clínica psicanalítica circunscrita à metáfora paterna e à castração enquanto classificadora das estruturas clínicas (Pimentel, 2022). Refere o autor:

As elaborações de Lacan sobre função da fala e o campo da linguagem evidenciaram os agenciamentos simbólicos do sujeito, sua emergência no mundo do Outro, prenhe de consequências. E com o recurso à topologia, como instrumento de formalização, insiste na parcela real desse encontro, ressaltando o campo do gozo, os pontos de obstáculo e fixação do sujeito, pontos aos quais se encontra amarrado. (Pimentel, 2022, posição 1.435).

O recorte teórico que nos interessa acerca da clínica com o Real e o conceito de gozo parte de suas articulações com o nascimento do sujeito no que diz respeito à língua e ao corpo falante, já que, através da estrutura borromeana do ser falante, buscamos sustentar o porvir de uma formalização borromeana do social que não rechace os efeitos e as demandas do Real.

Não é novidade a distinção que a Psicanálise faz entre a chegada do corpo biológico ao mundo e a constituição psíquica do sujeito, pois temos como premissa que “o corpo é estrangeiro e precisa ser subjetivado” (Pimentel, 2022, posição 1.536). Para a Psicanálise, subjetivar é a operação que inscreve no organismo vivo um corpo pulsional, sendo, o sujeito, um efeito da inscrição de significantes na carne. Nesse sentido, e considerando a clínica com o Real, o organismo nasce enquanto corpo pulsional por ser marcado antes por língua que pelos significantes que inscrevem o sujeito no desejo do Outro. -

Língua provém da enxurrada de sons que o recém-nascido recebe do Outro primordial, “é a linguagem ainda sem significação, onde o que impera é a sonoridade e seus equívocos” (Machado, 2022, posição 4.278). Refere a autora:

Em língua o que se escuta é somente o som, sem sentido, mas que por carregar o desejo, a presença pulsional do Outro primordial, tem a potência de evocar, provocar, convocar a substância gozante, o gozo do vivo, a se erigar. [...] Aí se transmite a língua em sua potência de provocar o gozo do corpo que reage à força do verbo, por isso Lacan fala da materialidade da palavra. (Machado, 2022, posição 4.283).

Com essas palavras, podemos considerar que o efeito de língua é desprendido de um sentido original que funda o não-sentido no nascimento do sujeito e inaugura os buracos sem os quais um corpo não se estrutura, isto é, os campos do gozo que formalizam o nó borromeano do ser falante. É a partir da transmissão do som sem significação, ou seja, enquanto palavra equivocada, que o ser falante perverte o código instintivo. Assim, no ser falante, o organismo vivo passa a ser marcado por língua, som-palavra-equívoco que marca a carne evocando um corpo pulsional.

Por que essas considerações nos interessam? Porque quando a noção de lalíngua, por meio do som-palavra-equívoco, localiza o não sentido que remete ao comum da falta-a-ser no sujeito e do fundamento ausente no social (Alemán, 2012), ela também sublinha o aforismo lacaniano de que não há Outro do Outro (Guerra, 2013). Esta afirmação se revela de grande importância para qualquer reflexão sobre os laços sociais – designados como discurso Lacan (1973/1985d) – que se inscrevem em um corpo-estrutura do social, posto que, demasiadamente “neuroticocêntricos”, tendemos sempre à procura de um Outro absoluto, sem falhas e fiador do sentido (Freud, 1921/2011). É por meio desta incessante ilusão que reside o que podemos escrever como a aptidão do sujeito para a servidão (Freud, 1927/2014), fato que não é sem consequências para a estruturação do corpo social.

Nessa lógica, a clínica com o Real possibilita um trabalho com buracos e bordas, com enlances, desenlaces e torções que soltam a linguagem presa no excesso de sentido para movimentar algo de novo e singular no que há de conjuntural. Trata-se, portanto, de uma clínica que comporta uma ética que encaminha Lacan para o reconhecimento de que a Psicanálise dispõe de uma política. Isto é, de que a Psicanálise pode oferecer instrumentos que operacionalizam a construção de um saber-fazer com o Real, ou, ainda, de um “saber-desfazer economias de gozo mortíferas” (Andréa M. C. Guerra, comunicação pessoal 17 de abril de 2023), seja na experiência particular do sinthoma, seja na experiência coletiva do laço social.

A POLÍTICA DO SINTHOMA

O sinthoma, este que se difere do sintoma clínico de manifestação fenomenológica, e que se caracteriza, a um só tempo, como radicalmente comum e singular (Alemán, 2012), é o que na formalização borromeana do ser falante proposta por Lacan se apresenta como a quarta rodinha. Esta funciona como elo, assim, o que há de elemento sinthomático funciona como artifício (Guerra, 2013) para que o corpo-estrutura do ser falante se arme.

O sinthoma como elo nos lembra da máxima freudiana do sintoma como “solução” de compromisso. No dicionário, a palavra compromisso

apresenta alguns significados, dentre eles, o de acordo político. Assim, se faz inevitável o reconhecimento de que a relação de compromisso entre sujeito e *sinthoma* diz respeito à relação do sujeito com o político, e o modo como ele cria um saber fazer nesse contexto denota a sua política. Apresentamos com isso a distinção proposta com a noção de esquerda lacaniana: o político como o encontro com o Real, de caráter disruptivo e contingencial, e a política, como a invenção de um saber fazer com os efeitos deste encontro (Alemán, 2010).

O *sinthoma* como compromisso, espécie de “acordo” com o Real, também pode dizer respeito ao enlaçamento entre Uns. Contudo, se ele se revela como uma experiência singular de um saber fazer que decorre da articulação do sujeito ao Outro (Machado, 2022), como pensá-lo na experiência coletiva para o que há de sintomático no corpo social?

Corpo social é um termo tradicionalmente vinculado às teorias sociológicas, mas se faz interessante evocá-lo desde um sentido psicanalítico, já que o consideramos constituído por corpos falantes e o consideramos passível de escrita através da categoria corpo-estrutura. Pensá-lo por este viés significa compreendê-lo como marcado pelo Real e pelas leis da linguagem, pois “o corpo que fala testemunha o discurso como laço social que vem se inscrever sobre ele” (Laurent, 2016, p. 213) e, assim, faz contrapeso à ideia de corpo enquanto propriedade do indivíduo ou unidade social.

Ora, já que temos nos dedicado a elaborar teoricamente a categoria corpo-estrutura para futuramente ensinar o que pode vir a se escrever como uma formalização borromeana do social, cabe para o momento a pergunta: o que é possível decantar da articulação entre Um-comum, clínica com o Real, *lalíngua*, política do *sinthoma* e experiência coletiva, a fim de que uma teoria sobre o social possa se sustentar desde a escrita de um corpo-estrutura a partir da Psicanálise?

Arriscamos uma resposta: resultam dessas articulações uma ética e uma política. Pensamos que é isso que se apresenta na afirmação lacaniana de que “o inconsciente é a política” (Lacan, 1967, p. 350) e não apolítico. Ele é a política porque é um saber fazer com os efeitos do encontro com o Real da *lalíngua* e, portanto, não deixa de ser uma articulação lógica do político – do Real – na estrutura do ser falante. Com isso, temos a

Psicanálise como práxis política, pois ao não rechaçar o Real, consegue atingi-lo via Simbólico, dispondo-se como instrumento capaz de intervir em nomeações e economias de gozo que alienam e padecem os sujeitos, assim como destroem a possibilidade de enlaces sociais entre Uns.

A CATEGORIA DE CORPO-ESTRUTURA PARA UMA IDEIA DE COLETIVO

Como conduzir a escrita desta política do sinthoma para a experiência coletiva, a fim de pôr em evidência a coletividade antes da singularidade de um saber-(des)fazer com o Real? Para tanto, evidenciamos o termo comum como palavra-chave na elaboração desta seção, considerando a ideia que propomos inicialmente acerca do Um-comum enquanto corpo-estrutura mínima.

Jorge Alemán (comunicação pessoal 21 de outubro de 2022) refere que por meio da Psicanálise podemos considerar o Real de lalíngua como a materialidade do comum, já que ela nos singulariza e nos faz participar, faz corpo socializado. Lalíngua nos singulariza porque cada um de nós é “falado” por ela de uma maneira única e irrepetível. Lalíngua também nos faz participar porque essa singularidade se distingue do individualismo, precisamente por não ser fechada ou enclausurada sobre si, e sim por se tratar de uma singularidade que se realiza apenas coletivamente (Alemán, 2022). Para o autor, o encontro com lalíngua se revela na conjuntura *Soledad: Común*, solidão comum à estrutura do ser falante, impossível de ser alterada, tampouco apropriada por qualquer racionalidade que pretenda dominar os enlaces sociais (Alemán, 2012).

Nossa escolha conceitual pela conjuntura proposta pelo psicanalista argentino Jorge Alemán considera o engajamento do autor nas suas teorizações sobre os efeitos do discurso do capitalista no processo de subjetivação e os problemas que este discurso produz e gerencia no social. É também a partir deste autor que encontramos uma nomeação política interessante a partir da noção de esquerda lacaniana (Alemán, 2010). Segundo o psicanalista, esquerda lacaniana trabalha com as dimensões do político e da política e, ao considerá-las separadamente, objetiva criar formas de “saber fazer com” o Real.

Por meio da Psicanálise, a política pode ser pensada como um “saber fazer com” algo que “surge como resultado do encontro contingente com Alíngua” (Alemán, 2010, p. 15, tradução nossa), sendo o Real equivalente à dimensão do político nesta perspectiva. O autor então sustenta que o encontro com o político é tanto uma experiência particular de criar um saber fazer com o sinthoma, resultado do encontro com o Real da lalíngua, quanto uma experiência coletiva de criar formas de saber fazer com os impasses do social.

Soma-se a essa proposta a ideia de criar formas de um saber-desfazer as economias de gozo mortíferas que entranham as relações humanas, tarefa que evidencia a necessidade de que a política faça uma articulação lógica com o político (Alemán, 2010), empreitada que uma Psicanálise em território brasileiro não pode renunciar. Refere o autor:

A emancipação neste aspecto é um “saber fazer” com a Solidão: Comum para estabelecer as condições do atravessamento contingente do plano fantasmático da servidão. O recurso de que dispomos para tal operação é o Comum da Alíngua onde de modo singular cada um faz existir a Solidão de sua diferença soberana. (Alemán, 2012, p. 48, tradução nossa).

Se tradicionalmente nos trabalhos de Psicanálise a ênfase da emancipação recai sobre o sujeito e a possibilidade que este tem de inventar um saber fazer com seu sinthoma, atualmente, tentamos no Brasil pensar caminhos emancipatórios evidenciando a experiência coletiva no encontro com o “real da violência” que “não pára de não se escrever” sobre corpos negros, femininos e periféricos, bem como no encontro com estruturas de violência que contribuem para a perpetuação de discursos colonizadores e lugares de fala cristalizados (Ribeiro, 2019).

A título de exemplo a experiência do Coletivo de mulheres que acompanhamos através de um grupo de escuta mostra como a luta contra a violência e a ética psicanalítica encontram caminhos possíveis para uma contraofensiva aos discursos que perpetuam hierarquias e predeterminam lugares para corpos negros, femininos e periféricos:

Em um dia de escuta no grupo, as mulheres estavam incomodadas de estarem se sentindo usadas, por terem que participar de atividades que “mandavam ir”, e que ou não eram de seu interesse, ou tinham

problemas, como faltas recorrentes de professora em uma oficina, por exemplo. Em uma ocasião houve um chamado para que participassem de uma reunião sobre vagas em creches, porém efetivamente no dia a questão era outra, era uma reunião da pauta de um partido político. [...] As mulheres perceberam que estavam sendo de alguma maneira usadas, e surgiram falas como “só lembram da gente na hora de votar, daí aparecem no meu portão”. O grupo possibilitou esse espaço de fala para as mulheres que não estão tendo poder de decisão no Coletivo, mas que estavam se autorizando a falar e reivindicar também algum poder decisório, sobre o que é ou não interessante ser promovido pelo Coletivo e como funciona a participação. (Rancich, 2024, p. 58-59)

Diante de uma obrigatoriedade justificada pela necessidade de debater pautas que foram decididas arbitrariamente, um discurso de mestria aparece através de uma conjuntura na qual o poder de participar e decidir é cerceado pelos representantes do partido político. Essa conjuntura instaura tanto os supostos detentores do saber quanto os supostos despossuídos do saber, de modo a funcionar por meio de uma lógica de desapropriação/apropriação, ou ainda, de receber somente se der algo em troca (Lacan, 1969-70/1992). Assim, a hipótese que surge é que as ações sociopolíticas do Coletivo – cozinha, horta e brechó solidários, assessoria jurídica para mulheres, atividades de lazer e agenciamento político – e clínicopolítica da psicanálise – escuta interseccional e situada – contribuem para que a presença de ações político-partidárias não enfraqueça o engajamento de uma luta comum contra a submissão.

A proposta é a de que a experiência coletiva também se distingue da massa e suas ciladas imaginárias através da produção de espaços comuns nos quais as singularidades não caem e não se fixam, onde não há rechaçamento da diferença e a partir da qual o coletivo pode funcionar de modo não hierárquico ou burocrático (Alemán, 2022).

Alemán (2012), ainda sinaliza que o coletivo está advertido das tramas identificatórias, estas que cativam os sujeitos por forjarem semblantes de totalidade e, por isso, trata-se sempre de “coletivos contingenciais”, assim, o que está em pauta é sempre algo da ordem de uma “causa ausente” e não de uma identificação:

Lacan não pode ser um novo fundamento para a esquerda; pelo contrário, é sua “desfundamentalização” ou, se quiserem, a demonstração de que só a causa ausente é realmente operativa, nunca como uma opção de saber previamente constituída, senão constituída retroativamente por uma série de acontecimentos. Se trata de uma aposta sem o Outro da garantia, mas isto não deve conduzir nem ao relativismo irônico rortyano, nem ao construtivismo historicista de inspiração foucaultiana. (Alemán, 2012, p. 46, tradução nossa).

Nesse sentido, consideramos que o coletivo é capaz de se organizar politicamente porque, ao criar articulações lógicas com o político, não deixa de estar advertido das estruturas ideológicas e fantasmáticas que almejam igualar as diferenças. Em vista disso, pensamos que é possível afirmar que o coletivo é uma experiência do Um-comum, de um corpo-estrutura que se mostra no encontro com o Real. Do Um-comum porque é uma experiência implicada em fazer valer a coletividade dos corpos falantes antes da individualidade, corpos passíveis de produzir enlaces, vínculos; e de um corpo-estrutura no encontro com o Real porque não rechaça a falta-a-ser, o fundamento ausente, e o que disso resulta como efeito e demanda para pensar o laço social.

A solidariedade, como significante comum para as mulheres do Coletivo foi o que permitiu o agenciamento delas contra as políticas de morte no território. Três mulheres, líderes comunitárias desse território periférico que é marcado pela negligência estatal, criminalidade, tráfico de drogas e violência extrema, munidas de alicates, adentraram o terreno de uma escola abandonada e ocuparam o prédio e o pátio da escola a fim de transformar o local.

Com a ocupação da escola abandonada, o local deixou de servir de moradia para usuários de droga, ponto de tráfico e serviço sexual, deixando também de ser uma ameaça para a escola infantil situada ao lado, já que as pessoas armadas que ali circulavam colocavam em risco a segurança das crianças e das educadoras. Com a oferta de novas atividades comunitárias e solidárias como a horta, o brechó, assistência jurídica, entre outras, a escola transformada em sede passou a ser um local de acolhimento, visibilidade, solidariedade, segurança, cultura, lazer e geração de renda para a comunidade (Perrone et al, 2023).

Assim, defendemos que o Um-comum da categoria corpo-estrutura, seja ele representativo do ser falante ou do por vir de uma formalização borromeana do social, acaba por revelar uma materialidade que é a da experiência coletiva, conjuntura que pode pôr em condições a experiência emancipatória para o social desde um saber fazer com os impasses sociais. Esta não exclui o “Comum da Alíngua” proposto por Jorge Alemán através da formalização *Soledad: Común*, e sim parte dessa formalização para fundamentar a possibilidade de uma nova formalização borromeana em Psicanálise, formalização implicada com o enlaçamento entre Uns. A partir dos ensinamentos de Lacan, é possível encontrar uma nova leitura do comum e do coletivo, não referenciada aos movimentos identitários homogeneizantes:

Nosso Comum é o que podemos fazer juntos com o vazio do que “não-há”. Não é a propriedade que nos mantém juntos, nem a potência que nos constitui; o Comum é o singular do sinthoma, a Solidão que inventa o laço social para que o mesmo se transforme em uma vontade política. (Alemán, 2012, p. 60, tradução nossa).

A ética da Psicanálise para pensar o laço social insiste na emancipação e por isso apresenta uma política que resiste a se colocar como ideologia, como mestria, ou, ainda, sustentar semblantes de totalidade. A radicalidade do Um-comum no encontro com o Real se revela no “paradoxo do Comum sem fundamentos comuns” (Alemán, 2012, p. 58, tradução nossa). O nosso trabalho, enquanto psicanalistas que apostam na experiência coletiva e emancipatória, vai ao encontro do que esquerda lacaniana propõe: (re)inventar de modo infundável e incessante políticas que retomam o valor da decisão “desde um fundo indecيدido e sem garantias [...] especialmente quando esta não remete ao campo do cálculo utilitário dos semblantes, [...] quando se trata de uma decisão que não está de entrada promovida e amparada pelo discurso do mestre” (Alemán, 2010, p. 11, tradução nossa):

A decisão de mostrar a realidade como uma construção precária desde o ponto de vista simbólico, sempre à defensiva com respeito ao evento real que pode perfurá-la, dá lugar ao fato de que o sujeito mantenha com esse real uma relação de sedimentação e de inércia, donde ao menos a

priori, nunca se pode antecipar transformação alguma, e menos pensar a vinculação que essa dita transformação pode ter com o “político” em seu sentido emancipatório. (Alemán, 2010, p. 10, tradução nossa)

Considerar o que pode se produzir a partir do coletivo enquanto experiência do Um-comum, de um corpo-estrutura que se mostra no encontro com o Real, parece-nos um caminho possível na tentativa de criar uma formalização que trabalhe com os paradoxos da linguagem e com os buracos e bordas que possibilitam enlaçamento social. Há que se preservar essa complexidade da condição humana e driblar todo tipo de discurso que se pretende universal e simplista ao preço de ações desumanas. Ao considerar o trabalho interminável ao qual os paradoxos e os impossíveis do Real nos submetem, o que resulta não pode ser a inércia ou a impotência, e sim o desafio de “como se pensar algo que se resolve [problemas e impasses sociais] no fundo de algo que nunca vai se resolver [mal-estar, falta-a-ser, fundamento ausente]?” (Rinaldo Voltolini, comunicação pessoal em outubro de 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se utilizar da topologia borromeana, Lacan propôs uma “perspectiva clínica altamente política” (Laurent, 2016, p. 219), à medida que a clínica com o Real contemplada pelo nó borromeano e pela teoria de lalíngua possibilita pensar a emancipação do sujeito e do social ao limitar as pretensões dos discursos de mestria, bem como a estagnação de sentidos e movimentos que inviabilizem qualquer transformação social.

Em vista disso, pensamos que a categoria corpo-estrutura, analisada a partir das ações de um corpo coletivo, mostra-se como um caminho possível para o por vir de uma formalização borromeana do social, recurso que seria de fundamental importância na instrumentalização da Psicanálise no debate sociopolítico com outros campos do conhecimento.

A categoria corpo-estrutura é representativa de uma hipótese teórica inicial para pensar uma noção de coletivo a partir da psicanálise lacaniana, noção distinta, por exemplo, dos coletivos pensados por Freud no famoso texto *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921). Ao se articular com uma ética do Real e com a política do sinthoma, compreendemos que

essa categoria dispõe de condições para o fazer psicanalítico na pólis, ainda que encontremos limites com relação a sua figurabilidade, pois fica em suspenso, ainda, que figura topológica seria possível para o enlace entre Uns: que figura para uma formalização borromeana do laço social?

Ao propormos com este trabalho pensar uma direção de ação do psicanalista na pólis, direção que se distancia de qualquer efeito prescritivo, sustentamos que, aos psicanalistas, é possível intervir desde propostas políticas que façam uma articulação lógica com o político, a fim de que firmem compromisso com a construção de saídas possíveis aos impasses que marcam o laço e o corpo social de nossa época.

A experiência no projeto de extensão *Escuta-flânerie em um coletivo de mulheres na periferia* mostra acerca de um trabalho que intersecciona Psicanálise e Política não se revela como um manual de intervenções generalizadas a ser aplicado em toda experiência de clínica periférica, mas como uma experiência clínicopolítica pautada pela proposta freudiana de que a fala é um ato transformativo (Rancich, 2024) e pela proposta lacaniana de subversão do signo em significante ao considerar a polissemia e as múltiplas possibilidades de significação e nomeação que a dimensão simbólico-imaginária da linguagem humana permite inventar um saber fazer com o Real (Lacan, 1957/1998c; Alemán, 2012).

As elaborações teóricas que aqui apresentamos também parecem figurar um caminho em direção ao que almejava Lacan quando desejou, com o seu ensino, contribuir para fazer valer “um novo quadro para as ciências no qual tenham lugar central as ciências da subjetividade” (Sales, 2004, p. 57). Ato teórico indispensável em tempos de cientificismos universalizantes que demandam rígidos critérios de exatidão e boa forma tão reducionistas da condição humana e da potência que a complexidade dessa condição guarda.

REFERÊNCIAS

- Alemán, J. (2010). *Para una izquierda lacaniana*. Grama Ediciones.
- Alemán, J. (2012). *Soledad: Común: Políticas en Lacan*. Capital Intelectual.
- Amster, P. (2015). *Notas matemáticas para ler Lacan* (R. Torres, Trad.). Scriptorium.
- Betts, J. (2014). Desamparo e vulnerabilidades no laço social: A função do psicanalista. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 45–46, 9–19. https://appoa.org.br/uploads/arquivos/revistas/revista_45_46.pdf
- Capanema, C. A., & Vorcaro, Â. M. R. (2017). A condição do ser falante no nó borromeano. *Estilos da Clínica*, 22(2), 388–405. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v22i2p388-405>
- Cardoso, M. J. d'E. (2010). Lacan e Frege: Sobre o conceito de Um. *Psicologia USP*, 21(1), 127–144. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642010000100007>
- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. In P. C. de Souza (Trad.), *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930–1936)* (Vol. 18). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do eu. In P. C. de Souza (Trad.), *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920–1923)* (Vol. 15). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (2014). O futuro de uma ilusão. In P. C. de Souza (Trad.), *Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926–1929)* (Vol. 12). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1927)
- Guerra, A. M. C. (2013). O gozo na topologia borromeana: Um novo paradigma? *Tempo Psicanalítico*, 45(1), 39–59. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382013000100004
- Lacan, J. (1967). *Le Séminaire, livre 14: La logique du fantasme (1966–1967)*. Staferla. <http://staferla.free.fr/S14/S14.htm>
- Lacan, J. (1972). *Conférence à l'Université de Milan*. <http://espace.freud.pagesperso-orange.fr/topos/psycha/psysem/italie.htm>

- Lacan, J. (1985a). Rodinhas de barbante. In *O Seminário, livro 20: Mais, ainda (1972–1973)* (M. D. Magno, Trad.). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1973)
- Lacan, J. (1985b). O saber e a verdade. In *O Seminário, livro 20: Mais, ainda (1972–1973)* (M. D. Magno, Trad.). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1973)
- Lacan, J. (1985c). O rato no labirinto. In *O Seminário, livro 20: Mais, ainda (1972–1973)* (M. D. Magno, Trad.). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1973)
- Lacan, J. (1985d). Aristóteles e Freud: A outra satisfação. In *O Seminário, livro 20: Mais, ainda (1972–1973)* (M. D. Magno, Trad.). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1973)
- Lacan, J. (1992). *O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise (1969–1970)* (A. Roitman, Trad.). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1998a). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In *Escritos* (V. Ribeiro, Trad.). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1953)
- Lacan, J. (1998b). O seminário sobre “A carta roubada”. In *Escritos* (V. Ribeiro, Trad.). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1955)
- Lacan, J. (1998c). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In *Escritos* (V. Ribeiro, Trad.). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957)
- Lacan, J. (2003). Lituraterra. In *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad.). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2008). A excomunhão. In *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)* (M. D. Magno, Trad.). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J. (2019). Aula 8, 19 de fevereiro de 1974. In *Os não-tolos erram! Os nomes do Pai: Seminário 1973–1974*. Publicação independente.
- Lacan, J. (n.d.). *Seminário 22: RSI (1974–1975): Seminário de 17 de dezembro de 1974*. Não publicado oficialmente.
- Laurent, É. (2016). *O avesso da biopolítica: Uma escrita para o gozo*. Contra Capa.
- Machado, Z. (2022). A política do sintoma. In Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, *O sintoma e o psicanalista: Topologia, clínica, política*. Aller.

- Perrone, C., [demais autores a identificar]. (2023). Devir feminista: Por um comum que não a violência. In L. C. Teixeira, L. J. B. Danziato, A. C. C. Brito, & J.-L. Gaspard (Orgs.), *Destinos trágicos: Efeitos da violência doméstica para as filhas e filhos*. CRV.
- Pimentel, L. (2022). Função e campo da mostração topológica em psicanálise. In Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, *O sintoma e o psicanalista: Topologia, clínica, política*. Aller.
- Prates, A. L. (2018). O nó borromeano: O que é e o que não é [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=ZitB94fnS50>
- Rancich, J. M. C. (2024). *Escutar a contrapelo: Clínica pública de psicanálise em um coletivo de mulheres na periferia* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Lume Repositório Digital. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/278557>
- Ribeiro, D. (2019). *Lugar de fala*. Pólen.
- Sales, L. S. (2004). Linguagem no Discurso de Roma: Programa de leitura da psicanálise. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(1), 49–58. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722004000100007>
- Vianna, H. B. (1994). *Não conte a ninguém: Contribuição à história das sociedades psicanalíticas do Rio de Janeiro*. Imago.

Submetido em: 07/05/2023

Revisado em: 02/04/2026

Aceito em: 11/04/2026